

fechada pela polícia, ainda em 1917. Com a entrada do Brasil no conflito, *O Debate* deixou de circular. Lima Barreto vale-se das colunas do *ABC*, de *Brás Cubas*, da *Revista Contemporânea*, para poder escrever; continua a colaborar em jornais revolucionários que subsistem, no Rio e em S. Paulo, em Porto Alegre mesmo: *A Lanterna*, *O Cosmopolita*, *O Parafuso*, *A Patuléia*, *A Luta*. Pelo *ABC*, em maio de 1918, lança manifesto maximalista que termina com a saudação: "Ave Rússia!". Em novembro de 1918, o Rio é palco de nova greve, quase das proporções daquela que abalara S. Paulo no ano anterior; entre os dirigentes dela estavam o diretor de *O Debate*, Astrojildo Pereira, escritor de talento, inteiramente dedicado às atividades revolucionárias.

Fora ele quem convocara Lima Barreto a colaborar no jornal e o romancista, fascinado pela revolução de outubro na Rússia, achava que era tempo de o povo "se libertar de uma minoria opressora, ávida e cínica". A greve surpreende-o doente, recolhido ao Hospital Central do Exército. Dali manda uma crônica ao *ABC*, de solidariedade aos grevistas. A importância dessa crônica está, também, no registro que faz da posição da grande imprensa em relação à greve⁽²⁴¹⁾: No *Diário Íntimo*, registra ainda melhor aquela posição: "O artigo do Amaral tem o mesmo plano que o do Miguel Melo; o do Antônio Torres, o mesmo que o daquele último; o do filho do Leão Veloso, o mesmo que o do Torres. Parece que o plano foi ditado pelo chefe de Polícia, devendo tocar nos seguintes pontos: a) acoimar de estrangeiros os anarquistas e exploradores dos operários brasileiros; b) debochar os seus propósitos e inventar mesmo alguns bem repugnantes e infames; c) exaltar a doçura e o patriotismo do operário brasileiro; d) julgar que eles têm razão nas reivindicações, que a dinamite não deve ser empregada, etc., que devem esperar, pois a Câmara vai votar o Código do Trabalho, etc., etc."

A agitação operária e principalmente as duas greves, a de S. Paulo, em 1917, e a do Rio, em 1918, excitaram as autoridades, que intensificaram a violência da repressão. Em fevereiro de 1918, circulou o primeiro folheto defendendo a revolução russa: *A Revolução Russa e a Imprensa*, assinado por Alex Pavel, e mostrando como o noticiário do movimento de outubro vinha sendo falseado pelos jornais. Em vão a polícia andou à procura do "perigoso agitador", presumidamente estrangeiro, que o escrevera. Tratava-se do pseudônimo de jornalista brasileiro, Astrojildo Pereira. Explicava as confusões repetidas e propositadas criadas pela grande imprensa, servindo de eco à imprensa norte-americana e européia, em torno do que ocorrera

(241) O artigo é "Da minha cela"; saiu a 30 de novembro de 1918.